

## **MATERIAL DIDÁTICO: DE UM MAPA DE BUSCA AO TESOURO A UM ARTEFATO DE MEDIAÇÃO**

Maria Cristina Damianovic <sup>1</sup>

### **Introdução: A necessidade de um olhar cuidadoso**

O objetivo deste artigo é investigar algumas representações sobre material didático do ponto de vista de alguns discentes de Mestrado em Linguística Aplicada e de Especialização em Língua Inglesa de uma universidade no Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil. A necessidade de um olhar mais cuidadoso sobre essa questão é premente, uma vez que profissionais envolvidos na área da educação sempre comentam sobre material didático, mas a compreensão sobre o que seja material didático em uma situação escolar nem sempre está fundamentada teoricamente.

Busco, neste artigo, compartilhar visões do que seja entender material didático, a fim de incentivar outros educadores a pensarem a respeito e se engajarem em sua construção, uma vez que a elaboração de material didático, principalmente para o ensino fundamental e médio, é uma prática *não muito comum entre pesquisadores e/ou professores das universidades brasileiras* (Bentes, 2006:85).

Inicialmente, discorro sobre os dois pontos teóricos centrais deste artigo: o conceito de representação (Magalhães, no prelo) e o de material didático (Damianovic, no prelo; Shimoura & Liberali, no prelo). Posteriormente, os procedimentos de coleta e de análise de dados são expostos. Em seguida, apresento um levantamento das representações sobre material didático e uma discussão sobre essas representações. Os resultados preliminares revelam que uma especial atenção ao material didático e ao processo de sua elaboração precisa ser dada nos cursos de formação de professores, uma vez que a idéia que prevalece, no momento desta pesquisa, é a de uma confusão de sentidos: a visão de material didático como livro didático mistura-se à de material didático como sinônimo de material escolar e à de material didático como uma metodologia de ensino concretizada por um conjunto de atividades pedagógicas.

### **Material didático: o que é você?**

Gostaria de salientar que minha visão de material didático, nesta pesquisa, “foge do lugar comum de material didático como aquele que tece todos os passos da ação de

---

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer a leitura crítica de Maria Otília Ninin, Sueli Fidalgo, Mona Mohamad Hawi e Paula Szundy.

seu usuário” (Shimoura & Liberali, no prelo: 01). Entendo material didático como sendo um artefato de mediação (Vygotsky, 2000) e vejo o processo de elaborar material didático como uma atividade de criação de sentidos e significados que tem como principal artefato cultural a linguagem. Hawi (2006), à luz de Vygotsky (2000), explica que o sentido de algo é a soma de todos os fatos psicológicos que ele desperta em nossa consciência. É sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma das zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

Conforme discuto em Damianovic (no prelo), vejo o material didático como uma estrutura que visa a oferecer ao aprendiz uma possibilidade para que ele possa (re)construir seu comportamento por meio do estudo das atividades de linguagem, que contêm um motivo orientador para um comportamento determinado por condições sócio-histórico-culturalmente determinadas.

Schneuwly & Dolz (2004) explicam que, dentre as diferentes atividades humanas, a atividade de linguagem funciona como uma interface entre sujeito e o meio e responde a um motivo de representação-comunicação. Ela se desenvolve em zonas de cooperação social determinadas e, sobretudo, atribui às práticas sociais um papel determinante na explicação de seu funcionamento. Vejo o processo de elaborar material didático como uma atividade de linguagem que funciona entre o sujeito (aprendiz) e o meio (a escola/mundo/história) e deveria possibilitar que o aluno aprenda a se representar comunicativamente nas diferentes situações do agir neste mundo sócio-histórico-culturalmente determinado.

À luz de Schneuwly (2004), dentro da perspectiva do interacionismo social, uma atividade é necessariamente concebida como tripolar: a ação é mediada por objetos elaborados a partir de toda uma historicidade do indivíduo sócio-histórico-culturalmente constituído, e que são frutos de experiências das gerações precedentes, através das quais se compartilham e se alargam as experiências possíveis. Instrumentos são construídos e encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age. Eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir. O instrumento torna-se, assim, o lugar privilegiado da transformação dos comportamentos: explorar suas possibilidades, enriquecê-las, transformá-las são também maneiras de transformar a atividade que está ligada à sua utilização.

*O instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização* (Schneuwly, 2004:24). Para transformar a compreensão da atividade de elaborar material didático, esta pesquisa visa a iniciar uma discussão sobre como aprendizes, em seu momento de desenvolvimento acadêmico no Mestrado ou na Especialização, entendem o que venha a ser material didático.

### **Representação: um instrumento de acesso às compreensões**

Representação, nesta pesquisa, é compreendida à luz de Magalhães (no prelo:02 ):

*Representação é uma cadeia de significações construída nas constantes negociações entre os participantes das interações e as compreensões, expectativas, intenções, valores e crenças, verdades, referentes às teorias do mundo físico; às normas, aos valores e símbolos do mundo social e às expectativas do agente sobre si mesmo enquanto sujeito em um contexto particular. As representações são sempre construídas dentro de contextos sócio-históricos e culturais e relacionadas às questões políticas, ideológicas e teóricas e, portanto, a valores, verdades e auto-compreensões que determinam quem detém o poder de falar em nome de quem, quais são os discursos valorizados e a que interesses servem.*

Analisar representações sobre material didático é necessário, uma vez que educadores envolvidos na formação de professores poderão ter acesso aos sentidos que alguns discentes de Mestrado e Especialização trazem consigo e repensar suas disciplinas, a fim de oferecer uma oportunidade para que os discentes possam (re)construir seu entendimento do que venha a ser material didático em si. Além disso, segundo Damianovic (2004), embasada em Magalhães (2003), o estudo das representações na área de formação de professores contribui para a compreensão da escola não como um local de transmissão de conhecimentos neutros, desvinculados do contexto particular de ação e da sociedade como um espaço de desenvolvimento cultural, social e político, mas sim como um espaço cultural, social e político, na qual a linguagem é vista como instrumento para reflexão e negociação. Dessa forma, o estudo das representações possibilita um repensar da cultura escolar em sua relação com a cultura local e com a sociedade mais ampla.

### **Metodologia**

Esta pesquisa está inserida no macro-projeto de pesquisa Linguagem e Identidade Profissional, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPG-LA) da Universidade de Taubaté, UNITAU. A coleta de dados foi feita no início do primeiro semestre de 2006, a partir de um questionário (Anexo 1) que foi entregue para um total de trinta e dois alunos, estudantes dos cursos de Mestrado em Linguística Aplicada e de Especialização em Língua Inglesa, ambos inseridos no referido programa.

O questionário foi respondido em sala de aula e individualmente por:

- seis alunos do Mestrado<sup>2</sup>, na primeira aula da disciplina “A formação do designer de material didático para o ensino de Português e Inglês”;
- vinte e seis alunos da Especialização<sup>3</sup>, na primeira aula da disciplina “Análise do Discurso” do PPG-LA/UNITAU<sup>4</sup>.

Os alunos que responderam ao questionário possuem de um a quinze anos de experiência em sala de aula e lecionam Português e História em escolas públicas e/ou particulares, e Inglês em escolas públicas, particulares e/ou de ensino de línguas na região do Vale do Paraíba, São Paulo, Brasil.

Os dados, em itálico, na seção seguinte, foram inicialmente organizados conforme seus conteúdos temáticos. Segundo Bronckart (1999:97), conteúdo temático pode ser definido como “o conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas”. Posteriormente, foram agrupados em três categorias: (i) definição e exemplificação de material didático; (ii) objetivos do material didático; (iii) critérios para a escolha e para a elaboração de material didático.

É pertinente esclarecer que as respostas dos discentes da Especialização e do Mestrado foram muito semelhantes, muitas vezes idênticas. Dessa forma, os dados foram considerados como um único bloco, sem distinção entre o que provém do Mestrado ou da Especialização.

### **Material didático: objetivos e exemplos dos discentes**

Em relação a definição e exemplificação, os discentes acreditam, de maneira geral, que material didático possa ser um “tudo”, como dizem: *todo o material, escrito*,

---

<sup>2</sup> Que cursavam o 2º ou 3º semestre do PPG-LA/UNITAU.

<sup>3</sup> Que cursavam sua segunda disciplina do 1º semestre do curso de Especialização do PPG-LA/UNITAU.

<sup>4</sup> Ambas as disciplinas foram ministradas por mim.

In: DAMIANOVIC, M.C. (Org) *Material Didático: Elaboração e Avaliação*. 19-32. Cabral, 2007.

*áudio-visual, utilizado em sala de aula em situações de ensino-aprendizagem. São todos os instrumentos possíveis de serem utilizados para propiciar a aprendizagem de conteúdos em uma sala de aula.* Essas definições dão uma idéia de que tudo vale para ser material didático, a um toque de mágica.

Ao analisar os exemplos dados pelos discentes sobre o que seja material didático, é possível levantar algumas representações, como:

- algo físico, concreto, palpável, que é colocado na mochila do aluno e/ou que está dentro da sala de aula ou da escola: *lousa; caderno; lápis / caneta; livros; livro didático; apostilas;*
- maneiras dos alunos e do professor “trabalharem” em sala de aula: *jogos; brincadeiras; dinâmicas; mapa do tesouro com exercícios; exercícios de compreensão, reflexão, reescrita, contação de histórias;*
- veículo de informação: *filmes; vídeos; música; questionário; textos; jornais; revistas; publicações; embalagens de produtos; pesquisas; cartões;*
- apresentação visual de como algo chegará ao aluno: *folhas xerocopiadas.*

Apesar de vermos os discentes utilizando as palavras *instrumentos* ou *ferramentas* para definir material didático, não é possível, nos exemplos dados, observar a visão de instrumento de Vygotsky (2000), que liga a criação de sentidos e significados ao desenvolvimento. Os exemplos dados pelos discentes mostram que material didático, para eles, é algo que existe por si só, com uma preocupação de atingir um resultado, que é a *aprendizagem; o desenvolvimento de um tópico; um conteúdo que está no livro didático*. Pode-se perceber, na análise realizada, que o material didático é visto como um meio, *um recurso metodológico, uma ferramenta de trabalho a ser utilizada nas ações do professor durante o processo de ensino-aprendizagem* para alcançar a aprendizagem do que está no livro, ou seja, quem direciona o material didático é o livro didático e/ou o conteúdo de uma determinada lição do livro didático.

O material didático é visto *apenas como um material de apoio; um material de base para consulta, uma forma que complementa a própria didática do professor; que direciona o professor na sua aula e auxilia o aluno na compreensão da matéria*. As respostas dos alunos ressaltam a visão que Shimoura & Liberali (no prelo:01) criticam: “material didático como aquele que tece todos os passos da ação de seu usuário”.

A idéia que se tem é a de que os discentes consideram o material didático como um mapa de caça ao tesouro, uma série de dicas, passos, algo como um manual de instruções que pode ou não ser seguido, conforme o gosto do professor.

### **Material didático: critérios para escolha e elaboração**

Para iniciar esta seção, gostaria de registrar que, dos 36 alunos que responderam ao questionário, em relação à elaboração de material didático:

- Todos os participantes-alunos do Mestrado e 18 dos 24 participantes-alunos da Especialização afirmaram que elaboram material didático;
- 6 dos 24 participantes-alunos da Especialização afirmaram nunca terem elaborado material didático pelos seguintes motivos: (i) não têm escolha – *só podem usar a apostila; a sede é quem escolhe o material a ser usado; o material já vem pronto*; (ii) *seguem o livro didático porque já está tudo pronto*.

De acordo com os discentes, para escolher ou elaborar um material didático, é preciso levar em conta:

- as características visuais (*apresentação visual; muito colorido; atraente ao público*);
- o conhecimento prévio dos alunos (*grau de conhecimento da turma / nível do aluno*);
- o perfil da turma (*faixa etária; disponibilidade financeira dos alunos; interesses; necessidades*);
- a relação com o tema estudado (*temas atuais; presença de textos que tratem de situações reais relacionadas à realidade da classe; ligação com os Temas Transversais*);
- o nível de complexidade (*fácil compreensão; ser de fácil entendimento e assimilação*);
- a disponibilidade da escola em relação aos *recursos disponíveis*;
- *os objetivos finais da atividade desenvolvida*;
- *os conteúdos que devem ser cumpridos*;
- *a gramática contextualizada*;

In: DAMIANOVIC, M.C. (Org) *Material Didático: Elaboração e Avaliação*. 19-32. Cabral, 2007.

- *os aspectos lingüísticos;*
- *a diversidade das atividades propostas;*
- *a possibilidade de haver a interação social por meio da linguagem;*
- *a ligação cultural (oferece informações culturais: hábitos, comemorações...); e*
- *a completude às atividades trabalhadas em aula.*

São pontos relevantes, sem dúvida; no entanto, não está claro para esta pesquisadora de que forma esses aspectos citados colaboram para que o material didático (selecionado ou elaborado) seja capaz de oferecer ao aprendiz uma oportunidade para que ele possa se desenvolver em termos sócio-históricos, levando-se em conta os níveis históricos: *do desenvolvimento das espécies, o da história dos seres humanos, o da sua própria história e dos processos psicológicos* (Moll, 2002:88).

O fato de terem mencionado *de fácil compreensão* foi perturbador para mim, porque acredito na evolução a partir da projeção de meios específicos para superar dificuldades e da construção de (re)significações a partir dessa experiência. O contato só com o que é *de fácil entendimento* afoga o desejo de nos impulsionarmos para uma mudança histórica individual e social.

A presença, em muitas respostas, de uma concepção de que o material didático deva *completar as atividades trabalhadas em aula* também me chamou a atenção, porque revela que os discentes compreendem o material didático como algo à parte, que o professor pode ou não usar.

### **E o mapa do tesouro realmente existe?**

Ao elaborar esta pesquisa, comecei a pensar que não poderia me limitar somente à publicação de um artigo que a registrasse. Fiquei com vontade de saber o que outros colegas pensavam a respeito de material didático, a fim de reconstruir a minha visão e possibilitar que alunos, professores e editores pudessem (re)significar suas compreensões sobre material didático. Esse desejo foi transformado em um convite para publicar um livro. Para minha felicidade, este livro, o “Material Didático: Elaboração e Avaliação”, nasceu com a contribuição de autores de diversas cidades do Brasil (Taubaté, Londrina, Rio Branco, São Paulo, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Itajubá,

In: DAMIANOVIC, M.C. (Org) *Material Didático: Elaboração e Avaliação*. 19-32. Cabral, 2007.

São Sebastião, Caraguatatuba, Ilha Bela, Pouso Alegre, Marmelópolis, Jacareí, Lorena, Piquete, São Lourenço, São José dos Campos, entre outras).

O que veremos neste livro é uma seqüência de experiências, relatos e análises estruturados em pesquisas, realizadas a fim de registrar rumos que pesquisadores tomaram para se engajar na (re)construção de materiais didáticos que possam transformar a nossa situação escolar – situação que é, segundo Abreu (1999), vitimada por uma educação desestimulante, que nos convida a vivermos nossas vidas adiando ou perdendo nossos sonhos, o que nos torna infelizes. Este livro é uma tentativa de vários educadores de construir uma atividade escolar mais feliz para seus alunos, para si mesmos e, o que é mais importante, para a comunidade educacional em si. “Já é coisa sabida que o mais importante não são as informações em si, mas o ato de transformá-las em conhecimento. As informações são tijolos e o conhecimento é o edifício que construímos com eles” (Abreu, 1999:11). O que veremos em cada capítulo são tentativas de construções de edifícios nos quais há, principalmente, a elaboração e avaliação de material didático para o ensino de português como língua materna; de inglês como língua estrangeira; e para a formação de professores e coordenadores, em geral, de ensino fundamental, médio e superior.

Espero também, com este livro, registrar o meu empenho em oferecer a educadores possibilidades de atuações de lingüistas aplicados engajados na reconstrução do que seja material didático. Este livro não é o mapa que nos auxiliará em nossa busca do tesouro, mesmo porque, quando o acharmos, já teremos outros tesouros para procurar.

Neste artigo, busquei registrar a representação que alguns alunos dos cursos de Mestrado e Especialização têm em relação a material didático. Os dados coletados revelam que há uma necessidade de serem criados espaços, seminários, disciplinas que possam discutir profundamente as visões sobre material didático.

Como lingüista aplicada, ofereço ao leitor o meu esforço e o de meus convidados em compartilhar as informações que nos cercam e que nos fazem querer escrever para que possamos juntos, nós e leitores, repensar o que venha a ser material didático.

Gostaria de agradecer a todos os autores que se engajaram na produção deste livro. A série de leituras, releituras, pareceres, re(escritas), diálogos, conversas, e-mails nos uniu e reuniu nesta obra, que busca traçar nossas visões sobre o que seja material



In: DAMIANOVIC, M.C. (Org) *Material Didático: Elaboração e Avaliação*. 19-32. Cabral, 2007.

didático. Ao leitor, boa leitura! Ótimos estudos! Excelentes elaborações e avaliações de material didático!!!

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, A. S. (1999) *A arte de argumentar*. Ateliê Editorial.

BENTES (2006) Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: KARWOSKI, A.M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K.S. (org) *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. Lucerna. p. 85-105.

BRONCKART (1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ

DAMIANOVIC (2004) *A Colaboração entre Multiplicadores na Sessão Reflexiva*. Tese de Doutorado. LAEL/PUC-SP.

DAMIANOVIC, M. C. (no prelo) A identidade do material didático no início do século XXI.

HAWI, M.M. (2006) *Sentidos da atividade de ensino de professores universitários: contribuições da teoria da atividade*. Tese de Doutorado. LAEL/PUC-SP.

MAGALHÃES (no prelo) Reflective sessions: a tool for teachers to critically comprehend classroom action. In: Fidalgo, S. S e Shimoura, A. S. *Pesquisa Crítica de colaboração: um percurso na formação docente*. São Paulo: Ductor.

MOLL, L. C. (2002) *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Artmed.

SCHNEUWLY, B. (2004) Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B. & J. DOLZ (org) *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Mercado de Letras. p21-39

SCHNEUWLY, B. & J. DOLZ (2004) Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B. & J. DOLZ (org) *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. Mercado de Letras. 71-91

SHIMOURA, A. & LIBERALI, F. (no prelo) Material didático para construção da formação crítica: alguns passos para a realização da reunião pedagógica. In: DAMIANOVIC, M.C. (org) *Material Didático: Elaboração, Implementação e Avaliação*.

VYGOTSKY, L. (2000) *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes